CADERNOS AH!

#22

MEDIDAS DE PREVENÇÃO CONTRA A QUEDA DE METEORITOS DE GRANDES DIMENSÕES

JOÃO DIOGO ZAGALO

Medidas de prevenção contra a queda
de meteoritos de grandes dimensões
João Diogo Zagalo

Revisão: Soraia Simões de Andrade
Paginação: Fernando Ramalho
Imagem da capa: João Diogo Zagalo, *Saco de água quente*.

João Diogo Zagalo é um músico, escritor e jurista português.

Outubro de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

I

Naquela manhã recebemos uma Circular dando-nos conhecimento de que deveriam ser tomadas medidas urgentes que prevenissem a queda de meteoritos de grandes dimensões.

Eu nunca demonstrara grande interesse pela astronomia, pelo que só nesse momento é que compreendi, por exemplo, qual é a diferença entre meteoros e meteoritos.

Também fiquei a saber que os maiores meteoritos são o resultado de asteróides que, na sua órbita, se cruzam com a órbita do planeta Terra.

A Circular alertava-nos para alguns aspectos inquietantes, tais como o facto de existirem, provavelmente, mais de 1000 asteróides com mais de 1Km de diâmetro que cruzam a órbita do planeta Terra. A Terra é atingida, em média, por um destes asteróides, uma vez em cada milhão de anos.

Há 65 milhões de anos, a queda de um asteróide de grandes dimensões terá resultado na extinção dos dinossauros.

Em 1490 terão morrido cerca de dez mil pessoas numa província da China devido à colisão de um pequeno asteróide.

A queda de um meteorito de 700 metros de diâmetro teria como consequências imediatas a destruição completa do nosso país.

A Circular era peremptória: o risco da queda de um meteorito de grandes dimensões no nosso país é bem real e não há tempo a perder, sendo que deveríamos *"entrar numa nova era para a prevenção e minimização do risco da queda de meteoritos e reforço da resiliência no caso de ocorrer a queda de um meteorito de grandes dimensões*".

A Circular terminava com as seguintes hashtags:

#Planificar #Agir #Consciencializar

Tinha de pôr mãos à obra. O país estava atento. O Subdiretor-Geral acabara de nos mandar um email, dizendo que estava "*a acompanhar com preocupação a situação da possível queda de meteoritos de grandes dimensões em solo nacional, sendo necessário agir com urgência*".

A minha Chefe de Divisão convocou uma reunião de emergência. Telefonou-me: "*veja lá se tratam dessa questão dos meteoritos ainda esta semana, que eu vou a uma inauguração esta sexta-feira com o Subsecretário de Estado e vou dizer-lhe que já está tudo feito*".

Falar era fácil, mas cedo me dei conta da complexidade da questão.

Fui consultar os meus manuais de Direito Espacial e fiquei quase chocado – nem uma única referência à Regulação da Circulação de Meteoros, Meteoritos e Asteróides.

Por isso comecei a escrever o Parecer, começando exactamente por essa questão, no Capítulo I – "Da Regulação da Circulação e entrada na atmosfera Terrestre dos Meteoros, Meteoritos e Asteróides". E a *hashtag*:

#Proibição #Entrada #Meteoritos grandes dimensões #Nosso país

Haveria que legislar sobre esta matéria, proibindo, por exemplo, a entrada na atmosfera terrestre de meteoritos com um diâmetro superior a 50 metros.

Assim, propus a elaboração de duas Portarias e três Despachos Normativos. Quanto mais extensa fosse a regulamentação, maior a segurança jurídica.

E os meteoritos que atingissem, de facto, a atmosfera terrestre, deveriam dirigir-se para países problemáticos, de preferência, para as grandes cidades desses países problemáticos e em guerra, ou para campos de refugiados. Já que, infelizmente, essas populações teriam de morrer de qualquer forma, ao menos que morressem de uma forma mais digna, democrática e indiscriminada.

#Meteoritos #Matar#com#justiça#equidade

É claro que teria de haver um esforço concertado e a nível mundial. Mas o meu Gabinete já não tinha nada que ver com esse problema. Tratava-se só, para já, de arranjar possíveis soluções.

E se os meteoritos de grandes dimensões decidissem ignorar o que estava estipulado legalmente e resolvessem, mesmo assim, cair em cima de uma cidade no nosso país?

Telefonei a um amigo meu, que é arquitecto, e a outro amigo meu, que é engenheiro civil. Eles andam muito atarefados nas tarefas de reabilitação dos centros históricos das nossas cidades para que estas recebam condignamente os

novos habitantes, mas prontificaram-se a dar-me uns breves esclarecimentos.

Compreendi, com horror, que as nossas cidades e habitações não estão preparadas para a queda de um meteorito de grandes dimensões.

Estamos, no fundo, sobre um barril de pólvora prestes a explodir. Mais uma vez, falta a regulação – não existe qualquer Regulamento de Segurança das Construções que exija que estas absorvam o impacto de Meteoritos de Grandes Dimensões.

Mesmo que houvesse, alertaram-me logo os meus amigos, o Estado nunca iria verificar se essa regulamentação estaria a ser cumprida.

Ciente desse problema, criei um Capítulo II no meu Parecer, alertando para a obrigatoriedade da verificação do cumprimento das regulamentações escritas sobre meteoritos de grandes dimensões. Exigia-se a participação de toda a Sociedade Civil.

#Regulamentações #Meteoritos Grandes Dimensões #Eu cumpro! #E você?

Mas havia que dar uma maior visibilidade pública a este tema fracturante.

E nada melhor do que promover um "simulacro nacional de queda de meteoritos de grandes dimensões". Uma grande festa popular, à qual não faltariam as televisões, com o lema:

#Conhecer para prevenir

O meu colega Acácio, da mesa da frente, disse-me: "e o kit de emergência contra a queda de meteoritos de grandes dimensões?".

Achei uma grande ideia. Um kit caseiro de emergência, ou seja, um conjunto de elementos considerado essencial para a nossa sobrevivência, nas primeiras horas, nos primeiros dias, após a queda de um meteorito de grandes dimensões.

Mas o que colocar nesse kit de emergência?

Água, claro.

Medicamentos essenciais.

O que mais?

Comida. Mas não todo o tipo de comida. Alimentos secos, por exemplo, barras de cereais, ou conservas e cereais.

Eu já estava há horas a trabalhar nessa questão da queda dos meteoritos e ao pensar em comida fiquei logo cheio de fome.

Por isso fui almoçar, até porque todas as questões essenciais já se encontravam resolvidas. O país já podia dormir descansado.

Saí satisfeito do edifício, com a consciência do dever cumprido. Estava um dia magnífico com um sol radioso. Pus-me a olhar atentamente para o céu e de repente, sem saber bem porquê, senti uma profunda angústia e comecei a perscrutar o céu atentamente, esperando, talvez, divisar um meteorito desgovernado, de grandes dimensões, prestes a estatelar-se por cima de mim. Por causa disso, ia sendo atropelado por um autocarro. O condutor do autocarro, furioso, largou imprecações, mas continuei, no meio da estrada, a olhar para o céu.

Pensava em novas ideias: "*e os transportes públicos? Também têm de vir equipados com material à prova de meteoritos…".*

Pus-me a criar mais *hashtags*:

Autocarros#viajar#segurança#protecção#corpos#celestes

II

Mudando de assunto: foi com "forte indignação" que a Esquerda Unida (EU) tomou conhecimento do novo Decreto-

-Lei do Governo, que propõe, entre outras medidas de excepção, o corte, na ordem dos 8%, da atribuição de suicídios para o 2º trimestre do presente ano.

"É inaceitável e escandaloso", afirmou, em comunicado, a Direcção da EU. "*Num momento em que há 300 mil pessoas sem qualquer protecção social, e um aumento crescente de desemprego, o Governo deveria assumir as suas responsabilidades e incentivar a população na prossecução rápida do suicídio, de preferência, em massa*".

O Governo já respondeu às críticas, numa nota enviada às redacções dos jornais, esclarecendo:

"*Ao contrário do que tem vindo a ser divulgado nos órgãos da Comunicação Social não é verdade que o novo Decreto-Lei faça cortes indiscriminados na atribuição de suicídios. Há, pelo contrário, um incentivo para o aumento dos suicídios na faixa etária correspondente aos maiores de 65 anos. O Governo faculta-lhes meios próprios; para além disso, através de um Protocolo assinado com diversas funerárias, garante aos interessados um abatimento do IVA no preço dos caixões na ordem dos 2%. Foram igualmente assinados acordos com três companhias aéreas, que permitirá que os interessados, caso assim o queiram, possam espalhar as suas cinzas em 25 cidades do mundo inteiro, à sua escolha. As cinzas dos defuntos não têm de pagar bilhete completo e poderão viajar em primeira classe, com todos os requintes*".

(…)

"*Haverá, contudo, um corte na atribuição de suicídios para jovens com idade até 35 anos, a menos que estes expliquem, através de um questionário que estará disponível no site do Ministério da Educação, que não se estão a suicidar devido a um protesto específico contra este Governo*".

(…)

"Nos casos em que haja fundadas dúvidas sobre as motivações suicidas dos jovens (e há que ter especial atenção para os jovens com comportamentos desviantes – como aqueles que vivem à custa de precárias bolsas de estudo, ou que aufiram rendimentos médios abaixo dos salário mínimo – ou seja, todos os jovens que não sejam futebolistas), haverá sempre uma solução: O homicídio a pedido da vítima (Código Penal, artigo 134º). Nestas situações, os jovens serão ajudados por cidadãos que já estejam a cumprir pena de prisão, e que os assassinarão, após o preenchimento de um impresso onde o interessado terá de escrever: "Matem-me, por favor". Os cidadãos que praticarem o homicídio a pedido da vítima terão uma redução da sua pena".

(…)

"O homicídio a pedido da vítima não contará para as estatísticas dos óbitos nacionais como sendo um voto de protesto".

(…)

A Direita Cristã já aplaudiu as novas medidas. Nas palavras de um deputado da Bancada Parlamentar, a nova legislação, embora algo demagógica e tímida, dá um passo em frente na protecção dos direitos dos velhinhos reformados. A Igreja Católica também acolhe as novas medidas com simpatia. Nas palavras de um Bispo, que preferiu manter o anonimato, "*Todas as medidas que combatam o suicídio são do nosso agrado. No caso de se recorrer ao homicídio a pedido da vítima, que este seja praticado por pessoas já condenadas ao fogo dos infernos*".

III

Domingo à noite. Faço zapping indeciso entre doze canais que dissecam os lances capitais ocorridos durante o encontro amigável de futebol que opôs o campeão nacional a uma equipa do terceiro escalão do campeonato suíço.

Deixo-me embalar pelos directos dos incêndios e tento ver um bocado do *Velocidade Furiosa 12*, cuja estreia em canais por cabo foi anunciada durante a semana.

A certa altura olho para o relógio: são horas de me deitar, amanhã é dia de trabalho e tenho de estar bem fresquinho para conseguir prosseguir os objectivos estratégicos traçados pela minha Entidade Patronal, cumprindo escrupulosamente um ciclo PDCA e tendo sempre presente os *Key Performance Indicators*.

Deito-me e dou graças à boa fortuna por conseguir viver num simpático e modesto T1 numa zona central da capital, mas distante do bulício das grandes artérias turísticas e pagando a módica pechincha de €1.200 por mês. Na minha rua não há bares de Erasmus nem Taskas Chiques nem Lounges Caffés nem nada anunciado na Time Out.

O prédio é daqueles edifícios de traça antiga bem portuguesa, muito bem conservado. No andar debaixo vive uma velhota viúva de ar sorumbático. Acho que é muda, nunca lhe dirigi a palavra. Penso que devem estar à espera que morra para poderem rentabilizar a casa. No andar de cima reside um casal jovem estrangeiro com um ar muito dinâmico. Têm uma criança pequena, é bem educada, nunca faz barulho, felizmente. Os vizinhos do lado vivem no Canadá e nunca cá vêm. Estupidamente, não põem a casa a arrendar, devem ser socialistas, mas isso até me dá muito jeito, posso usar também o seu varão da roupa ficando com muito mais espaço para secar as minhas coisas.

Domingo à noite. Deito-me e penso em todos os processos que tenho de concluir no dia seguinte. Este pensamento embala-me e faz-me quase adormecer. À minha volta reina um silêncio total. A velha há muito que está a dormir, tal como os meus vizinhos de cima, a criancinha incluída. Na minha rua não há cães a uivar à noite e os carros também escasseiam. Sim, o silêncio é total.

O silêncio é tão total que acaba por ser levemente opressivo. Por isso ligo uma ventoinha. Não é que esteja calor, pois a minha casa não é quente nem fria, tem a temperatura ideal. Mas quero ouvir um pequeno embalo de vento. Primeiro ligo no volume mínimo. Mas não faz suficiente barulho. Assim, acabo por ligar no volume máximo.

Está melhor. Volto a deitar-me, a pensar nos processos que tenho de concluir no dia seguinte: penso em todos os passos dos ciclos de melhoria contínua, penso nos objectivos estratégicos e operacionais a prosseguir... nada feito. Continuo sem adormecer. E decidi juntar mais um elemento. Depois do ar, nada melhor do que a água. Levanto-me de novo e ligo a torneira do chuveiro. Volto a deitar-me. Está melhor, até consigo cantarolar um pouco da melodia formada pela ventoinha e pela torneira do chuveiro. Mas também

não é suficiente. Levanto-me de novo e ligo todas as restantes torneiras da casa. Ligo a torneira do lavatório da cozinha, mesmo com toda a louça que se acumula lá dentro. Reparo que o lavatório se enche rapidamente, mas agrada-me aquele barulho da água a bater contra a loiça.

Deito-me de novo. Oiço a ventoinha, oiço a água a cair no chuveiro e no resto da casa, incluindo o chão da cozinha, penso nos processos que tenho de concluir no dia seguinte, penso nos objectivos estratégicos e operacionais da minha Entidade, penso em todos os passos dos ciclos GPDA e nos *Key Performance Indicators* e fico embalado. Mas não é o suficiente para adormecer.

LIGO a aparelhagem e ponho em *loop* o disco de percussões africanas que comprei na semana passada. Ponho a música bem alto, para distinguir todos os instrumentos: afoxé, agogó, berimbau, caxixi, cuica, kora, reco reco, tambores.

Neste instante os meus pensamentos ficam um pouco turvos, com a mistura dos sons da ventoinha, água, música, embalados com os pensamentos. Sei que não consigo adormecer e tento juntar outros elementos. Sintonizo o *youtube* e arranjo vídeos com sons de ruídos das obras, martelos pneu-

máticos incluídos, se calhar arranjo sons de cães a ladrar e gatos com o cio a miar desesperadamente, se calhar arranjo gravações com ruídos das ruas da cidade de Albufeira.

A verdade é que a certa altura estes ruídos misturam-se com os barulhos dos meus vizinhos, que se manifestam: batem todos à minha porta. É a velhota, viúva de ar sorumbático que se queixa da queda da água em sua casa provavelmente vinda da minha cozinha que está quase submersa (afinal a velha não é surda); é o casal jovem estrangeiro de ar dinâmico e com uma criança pequena, a criança é bem educada e nunca faz barulho, mas agora não pára de chorar por causa da barulheira toda vinda de minha casa.

Não lhes respondo e continuo na cama, fixado nos sons da ventoinha, da água a cair, dos instrumentos de percussão africanos, dos martelos pneumáticos, dos cães a ladrar e dos gatos com cio a miar, dos vizinhos a tocar à porta, com a velha cada vez mais sorumbática e a criança cada vez mais chorona, mais os pensamentos nos processos que terei de concluir no dia seguinte, nos ciclos de melhoria contínua, nos objectivos estratégicos e operacionais a cumprir e nos *Key Performance Indicators*.

A certa altura, escuto a sirene da polícia. O carro pára à porta do meu prédio. Oiço os ruídos de passos, tocam-me à porta. Depois, face à falta de resposta, começam a tentar arrombá-la. Os gritos aumentam de tom, quase que juro que a certa altura chega a carrinha de uma equipa de televisão, a fazer mais um directo, vinda dos rescaldos dos incêndios. Os drones sobrevoam o prédio, os polícias, com a ajuda da velha, do casal jovem e da criança tentam arrombar-me a porta.

Sei que será difícil entrarem, coloquei à frente da porta o móvel com madeira de jacarandá, mais as estantes de pinho e o sofá cama. Por via das dúvidas, também coloquei a cama a tapar a porta da rua. Ficarei a dormir no chão do quarto. Vão demorar pelo menos uma hora até conseguirem entrar no apartamento.

Só consigo adormecer quando sinto um ruído longínquo, vindo muito para lá dos confins do prédio, da minha rua, cidade, país e planeta. Será mesmo verdade? Um meteorito de grandes dimensões que se aproxima inexoravelmente? Apuro o ouvido, tentando perceber se tardará muito a chegar. Adormeço, finalmente, o sono dos justos. É um sono retemperador sem sonhos. Tenho a certeza absoluta de que vai ser mais uma bela semana de trabalho.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa